

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**PEDRO ALEXANDRE ALVES ALMICO
THALES OLIVEIRA DE FARIA**

**A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NO PROCESSO DE
ENSINO/APRENDIZAGEM: O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

VOLTA REDONDA

2018

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NO PROCESSO DE
ENSINO/APRENDIZAGEM: O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura de Educação Física do UNIFOA como requisito à obtenção do título de licenciado em Educação Física.

Alunos:
Pedro Alexandre Alves Almico e Thales Oliveira de Faria.

Orientadora:
Prof^a Dra. Maria da Conceição Vinciprova Fonseca.

**Volta Redonda
2018**

FOLHA DE APROVAÇÃO

PEDRO ALEXANDRE ALVES ALMICO
THALES OLIVEIRA DE FARIA

A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM: O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Orientadora:

Prof.^a. Dra. Maria da Conceição Vinciprova Fonseca

Banca Examinadora

Prof.^a. Dra. Maria da Conceição Vinciprova Fonseca

Prof.^a. Me. Rosane Marques de Carvalho

Prof. Me. Cassio Martins

Acima de tudo agradecemos a Deus por mais essa realização. Dedicamos a força e o incentivo dos nossos familiares e a professora Doutora Maria da Conceição Vinciprova Fonseca por toda colaboração no desenvolvimento deste trabalho.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi levantar e destacar as diversas características observadas como boa prática pedagógica do professor, particularmente o de Educação Física, com foco na relação professor-aluno e em sua colaboração para o ótimo desenvolvimento dos discentes. Destacam-se também neste trabalho a formação continuada desses professores e a forma com que essa formação interfere nas suas práticas, na forma com que vão avaliar seus alunos e como manterão a disciplina da sua classe. Foi feita uma revisão de estudos acadêmicos que tratam dessa temática, trabalhando em nossa metodologia uma abordagem qualitativa, ou seja, tendo o objetivo de compreender o processo de ensino/aprendizagem através da coleta de dados narrativos, fornecendo informações sobre um problema para que sejam desenvolvidas ideias para solucioná-lo e de cunho descritivo, pois baseamos a pesquisa em um fenômeno do nosso cotidiano e colocamos fatores que interferem nesse processo, e seus efeitos resultantes. Desta forma foi ressaltada a influência da atuação desses profissionais no desenvolvimento motor e cognitivo dos alunos, uma vez que essa atuação pode influir positiva ou negativamente.

Palavras-chave: Educação física escolar; Práticas Pedagógicas; Relação professor-aluno.

ABSTRACT

The objective of this study was to raise and highlight the several characteristics observed as a teacher's good pedagogical practice, particularly the Physical Education teacher, focusing on the teacher-student relationship and its collaboration for the optimal development of the students. Also highlighted in this work is the continuing education of these teachers and the way in which this training interferes with their practices, how they will evaluate their students and how they will maintain discipline in their classes. A review was made of academic studies that deal with this issue, working on a qualitative approach. In this way, the influence of these professionals performance in the motor and cognitive development of the students was emphasized, for being able to work positively or negatively.

Keywords: School physical education; Pedagogical practices; Teacher-student relationship

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO.....	7
2.1 Autoritarismo versus autoridade.....	8
3 DISCIPLINA NA SALA DE AULA: HETERODISCIPLINA E AUTODISCIPLINA.	10
4 AFETIVIDADE	11
5 PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM.....	12
5.1 Práticas pedagógicas.....	15
6 FORMAÇÃO CONTINUADA.....	17
7 AVALIAÇÃO	20
8 CONCLUSÃO.....	21
REFERÊNCIAS	22

1 INTRODUÇÃO

É possível afirmar que o professor colabora de forma direta no processo ensino-aprendizado, sendo sua atuação fundamental para que esse processo ocorra da melhor forma possível, aquela que possa resultar em maior aproveitamento dos alunos. Portanto, achamos imprescindível colaborar de forma positiva para que fique mais claro esse papel, acreditando que a formação continuada dos professores interfere diretamente na sua prática, assim como também vai interferir nela todo contexto histórico e social.

Ao se pensar a respeito da Educação Física escolar, queremos destacar o fazer desses professores, sua vivência/experiência pessoal, proporcionada por uma motivação maior de investigar intensamente, agregando conhecimentos e aprimorando sua prática pedagógica.

Embora existam muitos fatores que influenciam na docência, vamos tomar como ponto de partida sua formação, tendo o objetivo de compreender e dar ênfase às características dos profissionais de Educação Física, buscando evidência de quanto sua educação continuada irá interferir na atualização e renovação de suas abordagens pedagógicas, despertando o interesse de seus alunos em aprender cada vez mais. Desta forma esperamos atingir grande parte dos envolvidos no processo educacional, professores e alunos, para que possam começar a refletir sobre tal tema.

Conforme Haydt (2011, p. 9)

Os educadores conscientes da ação que praticam e do papel que desempenham não se contentam com a rotina pedagógica e os hábitos escolares estruturados. Querem saber sempre mais, conhecer o que há de novo na sua área, para refletir sobre as novas práticas educativas. Querem também verificar a validade dessas práticas para depois incorporá-las às já adotadas e tidas como seguras.

Para aumentar a clareza e a visibilidade de uma situação que entendemos como crucial, e que é pouco abordada no cotidiano, buscamos trazer exemplos concretos, e esta pesquisa se concretiza com uma conclusão que fizemos depois de levantamento de práticas pedagógicas apresentadas em artigos e livros da literatura

especializada, deixando clara sua influência no processo ensino-aprendizagem, apresentando a importância do estudo continuado para não serem professores ultrapassados em suas práticas.

2 RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO

Para entender melhor sobre esse termo, podemos afirmar que tal relação é baseada em um processo de interação feita em um espaço de valorização e respeito, onde é priorizada a construção de conhecimento, tendo o objetivo de empenhar seus alunos, mobilizando-os para o desenvolvimento de um trabalho de equipe e formação de conceitos em conjunto, conforme é colocado na nossa disciplina de Didática, no curso de Licenciatura em Educação Física. Um exemplo do nosso cotidiano de ensino-aprendizagem é a sala de aula, pois é um local de interação constante, porém para que isso ocorra a contento é fundamental que o professor crie possibilidades e condições favoráveis, tornando possível a reflexão sobre as práticas, tanto dos alunos quanto as suas próprias, despertando interesses e assim se tornando um profissional bem sucedido no diálogo com seus alunos.

Tomando como ponto de partida o construtivismo e um pouco do sócio-interacionismo, para que essa relação dê certo entendemos que o professor deve observar seus alunos de forma criteriosa, respeitando seu desenvolvimento e compreendendo quais atividades cognitivas estão aptos a realizar, buscando modos de motivar esses alunos a explorar e pesquisar mais sobre assuntos determinados. Essas ideias colocam os erros dos alunos em outra perspectiva, percebendo-os como fundamentais para o processo de ensino - aprendizagem, pois é através dos erros que será construída, de forma conjunta, uma resposta correta, construindo nitidamente essa interação professor-aluno.

Mas para isso ocorrer o aluno tem que estar bem confortável e confiante em relação ao ambiente, o que deve ser proporcionado principalmente pelo professor, tendo em vista a socialização, construtivismo racional e dinamismo em suas práticas, fazendo com que o aluno também compreenda o processo em que está inserido, e o valor de se arriscar e cometer erros em seu caminho para a aprendizagem.

Torna-se possível reafirmar e relembrar que todas essas medidas e posturas que se referem ao professor estão conectadas à sociedade, à sua cultura e, portanto, à sua formação acadêmica. Considerando que o docente teve sua personalidade, valores e princípios influenciados de forma positiva ao longo da sua trajetória, segundo Haydt (2011, p. 43),

Cabe ao professor, durante sua intervenção em sala de aula e por meio de sua interação com a classe, ajudar o aluno a transformar sua curiosidade em esforço cognitivo e a passar de um conhecimento confuso, sincrético, fragmentado, a um saber organizado e preciso.

No entanto, o professor é, antes de tudo, um educador, e o maior meio norteador do construtivismo acaba sendo o diálogo entre os educadores e os educandos.

2.1 Autoritarismo versus autoridade

Quando o assunto é a construção do conhecimento, é impossível não falar sobre o papel do educador em relação à sua classe, tendo em vista a forma como deve se comportar na sala de aula para que consiga a atenção da turma, e assim possa fazer melhor seu papel de facilitador, ajudando os alunos em seu processo de construção de conhecimento.

Para que ocorra a atenção por parte dos alunos, não podemos deixar de esclarecer a forma como o professor irá se impor, ou seja, se é por meio da autoridade ou do autoritarismo, sendo que apenas uma dessas formas é adequada, segundo Paulo Freire, Libâneo e também Jean Piaget.

Em relação ao papel pedagógico, podemos afirmar já prontamente que é impossível o professor não ter uma autoridade dentro da classe, porém esses dois termos, autoridade e autoritarismo, são bastante confundidos dentro da nossa sociedade.

Ao se falar sobre autoritarismo, encontramos aqueles professores mal-sucedidos em suas práticas, provavelmente porque querem impor ideias, comportamentos, e dificultam um diálogo, a troca de experiências ou até mesmo questionamentos sobre diversos assuntos tratados na sala de aula. Essa postura do

professor pode levar seus alunos a adquirir características negativas que venham a ser prejudiciais na sua vida acadêmica e na sua futura profissão.

Essas características podem ser destacadas como: capacidade de interação baixa, pouca absorção, ou até mesmo nenhuma, de conteúdo, já que o ensino está em torno apenas do professor, e criatividade abaixo da média, já que não ocorrerão os estímulos necessários nem será exercida a liberdade para desenvolver tal traço, tudo isso fazendo com que o aluno seja um mero espectador.

Já quando o professor assume o papel de autoridade, consegue atingir seus objetivos e assumir suas funções de orientador e incentivador. Portanto esse professor irá incentivar seus alunos a pensar, a continuar estudando e, no caso do professor de Educação Física, vai incentivar seus alunos a praticar exercícios e entender seus benefícios, para que possam construir ao longo de sua trajetória uma progressão do conhecimento, ou seja, desenvolvendo também sua cognição, desta forma chegando a um denominador comum para que se atinjam os objetivos, tanto do professor quanto do aluno.

Levando em consideração o pensamento de Haydt (2011, p. 48)

o ensino é a orientação da aprendizagem visando a construção do conhecimento, a autoridade do professor é a autoridade amiga, de quem estimula, incentiva, orienta, reforça os acertos, mostra as falhas e ajuda a corrigi-las. É a autoridade de quem auxilia a descobrir alternativas, mostra caminhos e abre perspectivas.

O professor com autoridade permite que seus alunos consigam ter um desenvolvimento do seu intelecto, tendo capacidade de opinar e raciocinar sobre um tema, criar situações, elaborar hipóteses, caminhando assim em direção à sua autonomia.

Este ambiente amigável e que deixe o aluno confortável para fazer perguntas será criado pelo professor e permitirá que o aluno esclareça suas dúvidas e assim saia com boa proficiência do conteúdo. Essas características farão com que sejam formados cidadãos participativos e criativos.

Se o ensino é a orientação da aprendizagem visando a construção do conhecimento, a autoridade do professor é a autoridade amiga, de quem estimula, incentiva, orienta, reforça os acertos, mostra as falhas e ajuda a corrigi-las. É a

autoridade de quem auxilia a descobrir alternativas, mostra caminhos e abre perspectivas.

3 DISCIPLINA NA SALA DE AULA: HETERODISCIPLINA E AUTODISCIPLINA

Esta concepção de disciplina foi discutida, sugerida e implantada pela teoria de vários autores importantes para a educação, como Montessori (1909) e Vygotsky (1922), mas vamos expor aqui a concepção estudada pelo psicólogo e filósofo suíço Piaget (1994), por sua leitura desenvolvimentista possibilitar o nosso entendimento de como se dá a construção da autodisciplina, que é a disciplina interna na criança.

A palavra “disciplina” é citada algumas vezes na obra piagetiana e é sobre aquelas páginas que nos debruçamos para poder compreender e pensar outros caminhos na construção da disciplina na escola contemporânea e na prevenção da indisciplina escolar. Principalmente, a partir da teoria sobre o desenvolvimento da moralidade na criança, proposta por Piaget, é que se torna possível e mais clara a compreensão do que é disciplina para o autor, que entende este conceito como sendo uma conduta moral, construída no indivíduo por meio das relações da afeição mútua. Para ele, a disciplina é algo que depende da interação do indivíduo com o ambiente para que possa ser construída e evoluída de dentro do próprio sujeito. Segundo Piaget (1999a, p. 3) “para que as realidades morais se constituam é necessária uma disciplina normativa, e para que essa disciplina se constitua é necessário que os indivíduos estabeleçam relações uns com os outros”.

Assim, são as relações sociais estabelecidas pela criança que auxiliam e permitem o desenvolvimento moral, bem como a construção da disciplina, que é determinada primeiramente pela imposição externa para que, posteriormente, seja estimulada sua compreensão e conscientização através da cooperação, das relações entre iguais e da afeição mútua. Entendemos a disciplina como uma construção interior, ou seja, ela é interna, e sob a influência do ambiente sócio moral, é estimulada a se desenvolver ou não.

Sob esta mesma perspectiva, podemos pensar a indisciplina no ambiente escolar, onde sempre está envolvida uma questão contextual, ou seja, esse comportamento indesejado acontece em um contexto de relações. Disciplina é uma regra de conduta ou um conjunto de normas de comportamento que podem ser

impostas do exterior (heterodisciplina) ou que podem ser aceitas livremente pelo indivíduo, regulando o seu comportamento (autodisciplina). Porém a heterodisciplina, conjunto de proibições e punições, com o auxílio do professor, caminha gradativamente em direção a uma autodisciplina. (HAYDT, 2011, p. 51)

Segundo Piaget,

a primeira forma de relação social é a relação de coação que se origina nos elos de autoridade e do respeito unilateral e se caracteriza pelas relações entre a criança e o ambiente adulto. Este tipo de relação é marcada pela imposição externa à criança de um conjunto de normas, regras, leis que organizam a sociedade e que são obrigatórias. (PIAGET, 1994, p. 294)

Os métodos a que Piaget se refere são a reciprocidade e as relações cooperativas exercitadas entre os alunos e com adultos preocupados com a educação ativamente moral, pois é nessas relações que o sujeito vai se conscientizando da importância das regras morais e construindo a sua disciplina autônoma, a sua autodisciplina. O que podemos perceber da construção da autodisciplina é a influência determinante que a dimensão afetiva tem sobre a criança e a forma com que as interações entre o adulto e a criança acontecem. São os valores e liberdade escolhidos e praticados pelo professor nessa relação que formarão o cenário propício ou não para o desenvolvimento moral e cognitivo do aluno, e isso terá grande influência na construção da personalidade da criança.

4 AFETIVIDADE

Fazendo uma análise sobre a afetividade relacionada ao ensino-aprendizagem, é bem clara a importância de se manter um bom relacionamento entre professor e aluno, tanto para facilitar o ensino como também a aprendizagem. Tendo como pressuposto o educador como mediador e facilitador do ensino, é imprescindível que o docente busque sempre estratégias e meios para suprir a necessidade educacional de cada indivíduo.

É sabido que a pobreza afetiva prejudica o sujeito, principalmente o jovem que, até por conta da impulsividade própria da idade, tende a arriscar-se de forma temerária já que lhe faltam boas e construtivas referências. Ao contrário, se ele conta com referências positivas “e com orientação, ele desenvolve o poder de filtrar as informações que lhe chegam, a partir da tomada de consciência de como agem as pessoas de bom caráter” (NUNES, 2009 p.123).

Trazendo para o âmbito educacional, fica clara a importância que o aluno adquire no processo de ensino-aprendizagem com a participação ativa nas aulas, contribuindo com informações e conhecimentos que auxiliarão o trabalho do docente.

O educador não deve se colocar como único detentor do saber, visto que é uma prática retrógrada e muitas vezes causa o desinteresse e a revolta de muitos discentes. O aprendizado se torna muito mais interessante quando o aluno se sente parte do processo, sendo assim motivado pelos métodos usados em sala de aula, dessa maneira tornando o ensino algo prazeroso e não uma obrigação. O processo de ensino-aprendizagem não deve ser somente baseado no ato de ensinar e aprender, mas também ter foco na formação do caráter de cada indivíduo como cidadão. O docente deve entender seu papel como facilitador do ensino, estando sempre aberto para novas experiências, tendo também um sentimento de empatia para com os sentimentos e atitudes de cada aluno, tornando assim o processo uma troca constante entre todos.

Portanto, a relação professor-aluno em meio ao processo de ensino-aprendizagem depende do ambiente estabelecido pelo professor, da forma como utiliza sua liderança, sendo importante que o mesmo saiba a diferença entre exercer poder e autoridade, visto que o poder é uma prática inadequada e ultrapassada de tentar conseguir uma liderança, sempre causando a rebeldia e desinteresse, porque o poder corrói os relacionamentos. Por outro lado, a autoridade significa levar seus alunos a fazerem de boa vontade o que você quer, devido à sua influência.

Dessa maneira, vê-se que o relacionamento entre docente e discente deve ter como base o respeito e a admiração de ambos, sabendo que o papel do professor é de servir o aluno, no sentido de atender àquilo que for realmente necessário para a formação do indivíduo, tanto como ser humano, quanto como aluno.

5 PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

O conhecimento humano está inteiramente ligado aos estímulos sofridos ao longo da sua vida, que são grandes responsáveis por esse conhecimento, condicionando o desenvolvimento através de diversos conceitos. Com isso, o

processo ensino-aprendizagem fica sendo condicionado por cada abordagem apresentada pelos diferentes professores. Desse modo, fica claro que iremos encontrar diferentes ações educativas em sala de aula, pressupondo que esses professores, ao darem suas aulas e escolherem suas abordagens, fazem-no sempre de um modo intencional, e esta intenção pode estar implícita ou explícita. De acordo com Mizukami (1986), algumas abordagens apresentam claro referencial filosófico e psicológico, ao passo que outras são intuitivas ou fundamentadas na prática, ou na imitação de modelos.

O ensino tradicional atualmente é notado como uma das formas mais utilizadas no processo ensino-aprendizagem, porém defenderemos o construtivismo, na qual procura-se valorizar o desenvolvimento do aluno criando atividades e avaliações que estimulem e incentivem essa formação, fugindo da memorização e do movimento repetitivo, optando pelo verdadeiro aprendizado e a capacidade de desenvolver a criticidade, a autonomia e a criatividade.

Um problema que se pode perceber é a dificuldade que professores possuem em atuar nessa perspectiva, gerando na maioria das vezes estratégias de ensino que tentam simplesmente ampliar os conhecimentos que os estudantes já possuem dos fenômenos ou organizar o pensamento de senso-comum dos alunos. Essas dificuldades podem estar ligadas à sua formação, ou falta de investigação e, portanto, os professores devem aprimorar uma prática que se identifique melhor com o objetivo do ensino, colaborando de forma correta para o aprendizado dos seus alunos. Tais professores devem estimular seus alunos a fugir do senso comum, tornando-se críticos e trazendo novos conhecimentos, além de ampliar os que já existem. O professor é responsável pela autonomia de seus alunos, apresentando formas para busca de conhecimento, podendo se empenhar e se interessar sobre determinados assuntos.

A instituição escolar deve proporcionar a inserção dos sujeitos em um contexto social de modo que possam participar ativamente de sua construção e transformação, pois a educação é, acima de tudo, uma prática social carregada e mediadora de significados, sentidos e valores que auxiliam, ou mais do que isso, são determinantes na formação dos sujeitos, tendo como característica um ambiente em que se compartilham vivências e experiências.

O desafio de contribuir com a educação do jovem e do cidadão, num momento de mudanças e incertezas, e a necessidade de resgatar valores tão importantes condizentes com a sociedade contemporânea leva o professor a entender que deverá exercer um novo papel, de acordo com os princípios de ensino-aprendizagem adotados, como saber lidar com os erros, estimular a aprendizagem, ajudar os alunos a se organizarem, educar através do ensino, entre outros. (PROJETO pedagógico. Gestão Universitária, São Paulo, Edição 40, 2002.)

O professor reflexivo, de acordo com Shön (1992), tem não só a tarefa de encorajar, reconhecer e dar valor à confusão dos seus alunos, mas também faz parte das suas incumbências encorajar e dar valor à sua própria confusão. Conforme o autor, o grande inimigo da confusão é a resposta que se assume como verdade única. Assim, cabe ao professor aprender a ouvir os alunos e aprender a fazer da escola um lugar onde seja possível ouvi-los, só assim a aula poderá se constituir num ambiente de ensino e aprendizagem significativa, tanto para o professor como para os alunos.

Sendo assim, o professor, em sua competência de profissional reflexivo, deve estimular e desafiar seus alunos na construção de uma relação dialética com o meio vivido, construindo seu conhecimento a partir das necessidades encontradas na sociedade. Além disso, ele precisa reconhecer que também está aprendendo sempre, que a busca pelo conhecimento não acaba e o compartilhamento com seus alunos traz consigo um aprendizado. Assim, acreditamos que esse processo se efetiva na medida em que se desenvolve a capacidade reflexiva, quando se reflete sobre o saber, o saber-fazer e suas relações no cotidiano da prática educativa.

Seguindo esse raciocínio, de conhecimentos compartilhados, o papel do professor de Educação Física é proporcionar aos alunos o conhecimento do movimento humano, relacionando seus diversos contextos e especificidades, servindo como um estímulo auxiliar, proporcionando condições para que seu aluno avance diante de desafios, ou em relação aos novos conhecimentos que poderão ser construídos com os alunos ao conhecerem e experimentarem as possibilidades que o movimento lhes oferece, fazendo com que a parte cognitiva e motora dos discentes seja desenvolvida.

O processo acima abordado tem o professor como mediador, ou seja, aquele que orienta e estimula seus alunos, apresentando os processos que levam à construção dos seus próprios conceitos, valores, atitudes e habilidades que lhe permitam crescer socialmente de modo que futuramente estejam preparados para o mercado de trabalho, conseguindo atuar como cidadãos críticos.

A Educação deve não apenas formar trabalhadores para as exigências do mercado de trabalho, mas cidadãos críticos capazes de transformar um mercado de exploração em um mercado que valorize uma mercadoria cada vez mais importante: o conhecimento. (PROJETO pedagógico. Gestão Universitária, São Paulo, Edição 40, 2002.)

Considerando o fato de o aluno ser preparado para criticidade, é imprescindível esclarecer e apresentar aos educandos uma compreensão racional do mundo, encaminhando-os a um comportamento sem preconceitos ou superstições, adotando uma postura mais maleável ao ponto de saber ouvir, escutar, aprender e raciocinar em relação a sua postura como indivíduo na sociedade em que vive.

5.1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Partindo do pressuposto que o professor de Educação Física tem o desafio de contribuir com a educação do estudante em um momento de mudanças e incertezas, em que é sentida a necessidade de resgatar valores e princípios condizentes com a sociedade da atualidade, cabe a ele assumir um novo papel, em que será capaz de ajudar seus alunos a desenvolver capacidades de organização, interpretação, criatividade, de lidar com erros e, principalmente, fazer com que eles assumam uma postura investigativa, ou seja, de constante busca do conhecimento. Desta maneira o professor irá colaborar para a construção da autonomia de pensamento e de ação de seus alunos, ampliando a sua possibilidade de participação social e desenvolvimento mental, capacitando os alunos a exercerem o seu papel de cidadão do mundo.

Para que essas capacidades e habilidades citadas acima sejam desenvolvidas, vamos destacar a seguir algumas práticas pedagógicas que os educadores de Educação Física deverão assumir na ação docente.

- 1) Respeitar as características de cada etapa do desenvolvimento: Deve-se considerar os interesses de cada fase, estimulando a atividade natural de cada indivíduo.
- 2) Propor atividades desafiadoras: Organizar situações-problema estimulando o raciocínio e a descoberta por parte dos alunos, contribuindo para ampliar seus esquemas mentais superiores. As atividades desafiadoras desenvolvem os esquemas cognitivos de forma a levar o educando a observar, comparar, identificar, diferenciar, classificar, seriar, localizar no tempo e no espaço, descrever, explicar, coletar e analisar dados, sintetizar, propor e comprovar hipóteses, concluir, deduzir, conceituar, interpretar, escolher e justificar as escolhas feitas, avaliar e julgar.
- 3) Utilizar métodos ativos de ensino-aprendizagem: Os métodos ativos ativam os esquemas mentais e estimulam o pensamento, ampliando as estruturas cognitivas. Métodos ativos são aqueles que dão especial relevo à solução de problemas, à pesquisa, à experimentação, às atividades de manipulação e construção e ao trabalho em grupo, permitindo a construção do conhecimento.
- 4) Materiais didáticos variados: Materiais que os alunos possam ver, tocar e manipular, tendo em vista a resolução de problemas. Deve-se aplicar seu conhecimento a situações reais, tendo em vista uma maior compreensão da realidade e promovendo o exercício de operações concretas. Recomenda-se a manipulação de objetos concretos na solução de problemas. Os objetos a serem utilizados para concretizar o exercício operatório podem ser bem simples, como botões, canudos, copinhos plásticos, figuras geométricas, ou material de sucata, como pedrinhas, conchas, palitos de sorvete, garrafinhas plásticas, chapinhas ou tampas de garrafa, barbante etc.
- 5) Utilização de jogos cooperativos: Os jogos auxiliam na concentração, atenção, além de levar a um trabalho mais intenso, devido ao esforço despendido quando estão envolvidas neste tipo de atividade, sendo ativos na prática pedagógica. Nesses jogos as crianças demonstram um impulso natural e se envolvem emocionalmente, tendo um maior entusiasmo para participar, assim absorvendo mais informações. Além disso, a situação de jogo mobiliza a cognição, pois, sendo uma atividade física e mental, ela aciona e ativa o pensamento e auxilia na

motricidade. Com o jogo, a criança passa por situações de convivência em grupo, estimulando a socialização.

6) Interação social e linguagem: Promover atividades e projetos em grupo que estimulem a cooperação e troca de ideias, proporcionando ao aluno expor suas vivências. Assim a convivência grupal estimula a reversibilidade do pensamento e a reciprocidade no tratamento mútuo, fazendo com que o aluno passe de heterônomo para autônomo. Desta forma, o aluno passa a ser mais crítico e consegue justificar e apresentar com mais clareza suas ideias, sendo melhor compreendido.

7) Papel de observador: Observar de forma interpretativa a forma como seus alunos agem, ouvindo suas opiniões, auxilia de forma mediadora para a construção do conhecimento. Cabe ao professor adotar uma atitude de *feedback*, ou seja, despertar nos seus alunos o interesse de descoberta e de investigação, sempre levando em conta o esforço desses alunos. É essa observação que vai auxiliar o professor no desenvolvimento cognitivo do aluno, tornando-o capaz de raciocinar de forma coerente em qualquer situação, com um pensamento autônomo, objetivo e criativo.

8) Clima psicológico: O professor deve tornar a aula um local amigável para que os alunos se sintam à vontade, porém sem perder a autoridade e a disciplina da sua turma, sempre propondo atividades desafiadoras e acompanhando esse processo de ensino-aprendizagem na construção do conhecimento. Ele irá apenas propor a atividade e acompanhar, assegurando que seus alunos atuem física e mentalmente.(HAYDT, 2011)

6 FORMAÇÃO CONTINUADA

A Educação Física é uma área constituída pelo entrelaçamento de diferentes conhecimentos científicos, o que pode ser confirmado com sua história, na qual diferentes ideias concorreram no decorrer da sua construção. Diante disto, é de extrema importância colocar em questão a importância que a formação continuada tem em relação a suas práticas pedagógicas, tendo em vista sua ligação direta com as etapas do seu desenvolvimento profissional, apresentando diferentes necessidades em cada momento.

Em síntese conclui-se: na fase de iniciação à docência buscam ações formativas para aprimorar a prática pedagógica; fase de estabilização: solucionar os problemas do contexto educacional e disseminar os conteúdos acadêmicos entre os professores escolares; fase de diversificação: embasamento para trabalhar novos conteúdos e atualização constante diante das novidades educacionais; serenidade/desinvestimento: necessidade de frequentar atividades formativas em espaços diferentes da escola. (ROSSI e HUNGER, 2012, p.1)

Essa dimensão da formação continuada constitui-se em um processo contínuo e ininterrupto, percorrendo toda trajetória profissional do professor, sempre aprimorando seus conhecimentos e desenvolvendo sua cognição, conseqüentemente aprimorando suas práticas pedagógicas. É imprescindível ao profissional da educação manter-se informado para complementar seu estudo inicial, fazendo com que seu conhecimento continue sendo alimentado de forma contínua, pois o ato de ensinar é muito complexo e dinâmico.

Pensando nessa formação contínua, cabe ressaltar que ela irá fazer com que surjam no professor os sentimentos de segurança e competência, levando propostas novas e desafiadoras para seus alunos, já que vai estar se aprimorando e aprendendo cada vez mais, refletindo sobre suas ações como responsável pelo ensino.

Chakur (2000, p. 82) coloca que a razão mais comumente utilizada para justificar a necessidade da formação continuada apoia-se nos benefícios da atualização dos conteúdos básicos para uma melhor correspondência desses com as condições escolares, suprindo, ao mesmo tempo, as deficiências da formação inicial. A formação continuada desenvolve no professor domínios necessários à sua qualificação, como também consegue atuar na criticidade dos seus alunos e do seu próprio conhecimento, para que consiga solucionar problemas reais que acontecem no ensino.

Trata-se de colocar como eixo o conhecimento, centro da formação inicial ou básica, de formação continuada; de realizar e usar pesquisas que valorizem o conhecimento dos profissionais da educação e tudo aquilo que eles podem auxiliar a construir. É o conhecimento, ainda, estabelecido como fulcro das novas dinâmicas interacionistas das instituições para a valorização da educação e a superação de seus problemas e dificuldades (MARIN, 1995, p.17-8).

Pensando em como o professor deve buscar esse estudo e aprimoramento contínuo, podemos perceber que o próprio ambiente escolar pode se tornar um desses meios, além de cursos que conseguem proporcionar o conhecimento sobre práticas mais atualizadas. Mas colocando o ambiente escolar como um dos meios mais importantes, afirmamos que por meio dele o professor deve notar que sua formação vai estar ligada ao seu dia a dia, sua realidade, e nada melhor que usar seu próprio espaço de trabalho para isso: revisar e aprimorar sua prática.

Portanto, além de minicursos, cursos, palestras e congressos, podemos explorar de maneira bem simples a formação continuada do professor na sua própria escola, devendo o docente tomar algumas atitudes que irão complementar sempre sua formação, porém não deixando de se atualizar cada vez mais fora desse espaço, lendo e aprimorando suas técnicas. Essas atitudes são:

- 1) Trabalhar em equipe: Elaborar um projeto de equipe dando assuntos correspondentes no mesmo período; conduzir e animar grupos de trabalho e estudos; formar e renovar uma equipe pedagógica., colocando situações-problema da profissão.
- 2) Participar da gestão da escola: Elaborar, negociar um projeto da escola, tendo em vista a participação dos alunos. Organizar eventos que agreguem à escola todos os professores e estudantes.
- 3) Informar e implicar os pais: Animar reuniões de informação e de debate, conduzir entrevistas e adicionar os pais na construção do conhecimento.
- 4) Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão: Prevenir a violência na escola e na cidade, lutar contra os preconceitos e as discriminações sexuais, étnicas e sociais.
- 5) Gerir sua própria formação contínua: Estabelecer seu próprio balanço de competências e seu programa pessoal de formação contínua, saber explicitar as próprias práticas e, o mais importante, criar um planejamento com objetivos para

que consiga estabelecer seu cronograma e ver se seus objetivos foram cumpridos. (BAHIA, 2009)

7 AVALIAÇÃO

A avaliação pedagógica tem um grande peso na relação entre docente e discente, podendo refletir diretamente no ambiente escolar. Em outras palavras, a maneira com que o professor avalia a turma pode ajudar a estabelecer um bom convívio entre todos, colaborando para um melhor ambiente. Avaliação não deve ser um momento só de provas e testes, mas sim um processo contínuo, que ocorre dia após dia, tornando visíveis os erros que foram cometidos, buscando a melhor forma de ajudar os alunos no processo de aprendizagem, buscando a construção de novos conhecimentos.

“A qualidade de avaliação pode ser julgada segundo a qualidade de sua contribuição ao debate crítico, informando-o e melhorando-o” (SANTOS, GUERRA, 1933, p. 41). Essas variáveis são avaliadas por um método de observação diária que o professor faz do aluno, buscando entender a subjetividade de cada indivíduo, sempre buscando o avanço do processo.

A relação professor-aluno é um elemento facilitador para uma aprendizagem mais motivadora.

Segundo Leite, “A afetividade está presente em todos os momentos ou etapas do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor e não apenas, nas suas relações *tête-à-tête* com o aluno (2006, p. 24). Dessa forma, torna-se fundamental a necessidade de mudança das representações de alguns docentes em relação a avaliação, visto que muitos professores ainda usam esse processo na tentativa de exercer poder sobre a turma, e não fazem o uso correto dessa ferramenta, causando o desinteresse de muitos alunos, tornando mais difícil o processo. A avaliação é uma ferramenta para auxiliar no ensino-aprendizagem, deve ser entendida como uma etapa com caráter qualitativo, no sentido de avaliar o que está bom e o que pode melhorar, tornando visível o papel do professor como facilitador da aprendizagem. Desse modo, contribuindo diretamente na relação afetiva entre professor e alunos.

Portanto, faz-se necessário quebrar o paradigma de que a avaliação deva ser um momento de estresse e medo para o educando, sendo papel do professor mostrar a importância da avaliação como veículo para a construção de conhecimentos, criando métodos para a facilitação desse processo e buscando fazer com que o discente sempre esteja motivado a melhorar, para assim seguir a busca por conhecimento.

8 CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise de como a relação professor/aluno interfere no processo de ensino/aprendizagem, destacando as diversas características do bom professor em sua intervenção pedagógica, como o grande mediador desse processo. Além disso, foi diagnosticada a importância da formação continuada desses professores, e a forma com que interfere nas suas práticas pedagógicas, na forma com que vai avaliar seus alunos e como manterá a disciplina da classe.

Dada a importância do assunto, torna-se esse trabalho uma excelente ferramenta para estudo de alunos e professores, possibilitando ao leitor uma revisão de como as intervenções pedagógicas são importantes na didática do ensino, analisando também possíveis comportamentos do docente para facilitar esse processo. Nesse sentido, a leitura desse estudo permite aos educadores a oportunidade de refletir sobre sua prática no processo pedagógico, fazendo uma autoavaliação do seu papel dentro de sala de aula. Desse modo, servindo como suporte pedagógico, tornando mais satisfatório esse processo.

REFERÊNCIAS

HAYDT, R.C. **Curso de Didática Geral**. 1ª ed. São Paulo. Ática, 2011.

BAHIA, E.C. *Formação Continuada: O que pensa a Rede Municipal de São Gonçalo e os seus professores, participantes ativos desse processo*. 2009. 88f. Monografia de Graduação- Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2009.

AMORIM FILHO, M.L.; RAMOS, G.N. Trajetória de vida e construção de saberes de professores de educação física. **Departamento de Educação Física e Motricidade Humana**, São Paulo, v.24, n.2, p.38-223, abr/jun, 2010.

HUNTER, J.C. **O Monge e o Executivo**: Uma história sobre a essência da liderança. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

CASTELLANI FILHO et al. **Metodologia do Ensino de Ensino de Educação Física**, 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ, A Relação Professor Aluno e o Processo Ensino Aprendizagem. Ponta Grossa: 2009.

LIBÂNEO, J.C. **Didática**. São Paulo. Cortez Editora, 1990.

MARIELE CESÁRIO. O professor de educação física na escola: os saberes do ensino. **Revista Digital do Paideia**, São Paulo, v.2, n.2, p.344-358, out/mar, 2010 e 2011.

ROSSI, F; HUNGER, D. As etapas da carreira docente e o processo de formação continuada de professores de Educação Física. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.26, n.2, p.38-323, abr/jun, 2012.

PIAGET, J. **Para onde vai à educação?** 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

PIAGET, J. **O Juízo Moral na Criança**. 4ª ed. São Paulo. Summus editorial, 1994.

NUNES, Vera. **O papel das emoções na Educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

SCHÖN, D. A. **Formar professores como profissionais reflexivos**. In: NÓVOA, A. (Coord.) Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.